



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança

código
AV-FO2-Sap

localização
Rodovia BR-393, km 125 – Balneário 3 Quedas, Jamaparã, 3º distrito de Sapucaia

município
Sapucaia

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
área de lazer (balneário) / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Sapucaia



Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança, fachada principal

coordenador / data **Alberto Taveira – jul 2009**
equipe **Alberto Taveira e Amauri Lopes Jr.**
histórico **Alberto Taveira**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Chega-se à Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança pela Rodovia BR-393 (Rio-Bahia). No trecho entre Anta e Jamapará, distritos de Sapucaia (RJ), dobra-se à direita no km 125, na placa do Balneário 3 Quedas (f01).

Seguindo-se em leve aclive por mais 1,1 km, numa estrada de terra em meio a morros com cobertura vegetal remanescente da mata atlântica, alcança-se o Balneário 3 Quedas, atividade de uso lucrativo atual nas terras da fazenda (f02). Deste, continuando em aclive por mais 900 m, em estrada mista de terra e asfalto, chega-se a um entroncamento onde está situada a Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, tomando-se à esquerda e ultrapassando-se uma pinguela em madeira, alcança-se, cerca de 300 m depois, a primeira porteira da fazenda. Passando por ela, percorre-se 500 m, agora em declive (f03), até encontrar a segunda porteira da fazenda, da qual a morada está distante 200 m (f04).

A casa-sede da Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança está situada num platô gramado, envolto por caminhos com piso em placas de granito acinzentado, remanescentes do antigo terreiro de secagem de café, conforme informou a proprietária. Pelo lado esquerdo da casa-sede, próximo ao pomar com árvores de médio porte, está a piscina com dependências anexas (banheiro e copa), em mau estado de conservação (f05). Nas imediações, carro de boi, bancos em madeira, mós e mesas em pedra completam o conjunto.



01



02



03



04



05

Envolvendo o platô, taludes com desníveis apreciáveis e, emoldurando aos fundos o entorno, morro de grande altura coberto por mata fechada (f06).

Pelo lado direito, em nível inferior, área plana onde se localizavam os antigos terreiros de secagem de café (f07) e, mais abaixo, um complexo construído que abriga a casa do colono (f08), serraria (f09 e f10) e ruínas de engenho, com forno e chaminé (f11), ambos movidos por uma roda d'água em ferro (f12 e f13), além de um conjunto construído – e muito modificado – datado de 1940, utilizado como depósito (f14).



06



07



08



09



10



11



12



13



14

A Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança apresenta porão e pavimento nobre na fachada principal e em parte das laterais, mantendo, na fachada de fundos, apenas o piso superior, mas ainda elevado em relação ao rés do chão, aproveitando timidamente a declividade do terreno, num partido formal próximo ao de grande parte das fazendas da região (f15). Num anexo ao rés do chão, localizado nesta área de fundos e de construção mais recente, desenvolve-se a parte de serviços da casa-sede, abrigando uma segunda cozinha, banheiro de serviço, depósito, lavanderia, canil e quintal, por onde se faz o acesso costumeiro ao pavimento nobre (f16 e f17). O porão possui grossas paredes em pedra argamassada, cujas peças apresentam, em sua maioria, grandes dimensões, tendendo sua forma ao paralelepípedo regular (f18).



15



16



17



18

O prédio apresenta gaiola estrutural em madeira com algumas de suas peças, como esteios e madres, à franca vista nas fachadas (ver f15 e f16). A construção principal desenvolve-se em torno de um pátio central e o telhado mantém oito águas, já coberto por telhas francesas (ver f15 e f16).

A fachada principal apresenta-se simétrica, possuindo ao nível do porão – que é separado do rés do chão por cinco degraus em pedra, ladeados por marcos em cantaria que lhes fazem de arranques (f19) – galeria com oito vãos, em verga de arco pleno, dispostos em intervalos regulares e limitados nos extremos por possantes cunhais em massa, interrompidos pela madre que separa os dois pavimentos (f20). O respeito à simetria não se mantém na fachada propriamente dita deste porão, contígua à galilé, que mantém duas portas: uma para um depósito e a outra de acesso principal, ligeiramente excêntrica em relação ao eixo de simetria, além da janela de um quarto e de dois basculantes dos WC's que para ela se voltam (f21). No segundo pavimento, o apuro formal volta a se fazer presente, com o conjunto de cinco vãos em verga reta com guilhotinas em vidro da varanda central sendo ladeados por três janelas, as dos extremos mais próximas, com cercaduras retas em madeira guarnecidas também por guilhotinas vidradas (f22). A portada de acesso ao porão, e por extensão ao pavimento nobre, a partir deste, apresenta verga em arco pleno, cercadura em massa com ombreira e aduela, sendo vedada por esquadria em madeira com uma folha enrelhada que possui inscrito grande óculo circular gradeado (f23 e f24).



19



20



21



22



23



24

Termina a composição, que é desprovida de cimalha, com um beiral forrado suportado por mãos francesas, com delicado trabalho de serraria (f25).

As fachadas laterais, direita e esquerda, apresentam uma mesma tipologia – exceção feita à galeria frontal – no que tange a vãos e esquadrias, determinadas as diferenças de acordo, naturalmente, com as especificidades que a planta impõe. Na fachada de fundos, domina o improviso e uma certa confusão estética, determinada pelos acréscimos de serviço construídos (f26).

O acesso formal ao pavimento nobre é feito através do porão, chegando-se a ele através da galeria frontal e da porta de acesso principal (ver f22 e f23). O porão é quase todo ocupado por um grande salão de estar decorado por objetos da época escravagista, mantendo, ainda, próximo à escada, uma lareira de chanfro, que se prolonga ao andar de cima (f27 à f29).



25



26



27



28



29

Na parte frontal, pelo lado esquerdo, há duas pequenas suítes (f30 à f32) e, pelo lado direito, um depósito com acesso externo exclusivamente, além da escada torneada que leva ao andar superior (f33) e de dois pequenos depósitos, ao fundo. Seu piso mantém as mesmas lajes de pedra cinza retiradas do antigo terreiro de secagem de café, e as paredes são, em sua maioria, em pedra aparente, assim como o é o teto, composto pelo barroamento que sustenta o piso do pavimento superior (f34). Entretanto, o acesso preferencial à casa-sede é feito pelos fundos, através da copa.



30



31



32



33



34

A partir da escada nobre em madeira – evidentemente uma modificação da configuração original, pois sua chegada ao pavimento superior determina um estreitamento da circulação lateral direita – chega-se ao alpendre envidraçado frontal (f35) e à contígua capela (f36). Essa interessante capela está locada numa configuração tradicional das fazendas de café do vale, postada de frente para um corredor – neste caso, comprido, porém estreito – que lhe faz de nave. Mantém piso em madeira em junta seca, como de resto grande parte do pavimento, paredes caiadas e teto que simula telhado em duas águas com forro em madeira, tipo paulista, arrematado por cimalha que lhe acompanha a forma, pintados os detalhes em azul-céu. O altar-sarcófago (espécie de altar-bloco cujo corpo tem a forma de um sarcófago), está apostado à parede de fundo (no mesmo azul-céu) onde se inscreve nicho em arco pleno com cercadura em madeira, ombreiras e aduela, cuja verga é decorada por delicados semicírculos vazados que se interpenetram. O teto do estreito nicho recebe exíguo berço, e o retábulo escalonado com três degraus mantém, em meio a objetos litúrgicos, a imagem do orago da Fazenda da Boa Esperança, Santo Antônio (f37, f38 e f39).

Para a varanda alpendrada frontal, volta-se uma sala de estar (f40 e f41), à qual estão ligados o pátio central/jardim de inverno, duas grandes suítes à direita e dois quartos à esquerda (f42 e f43).



35



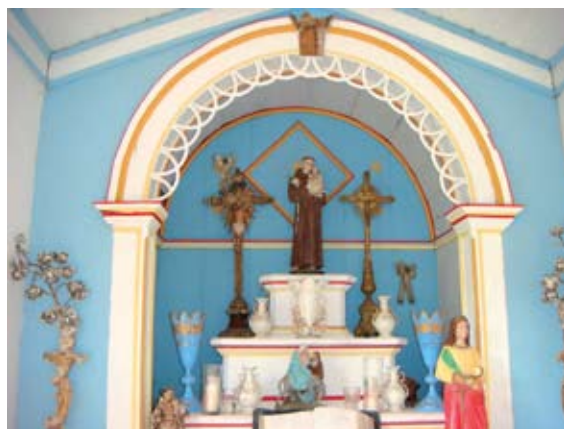
36



37



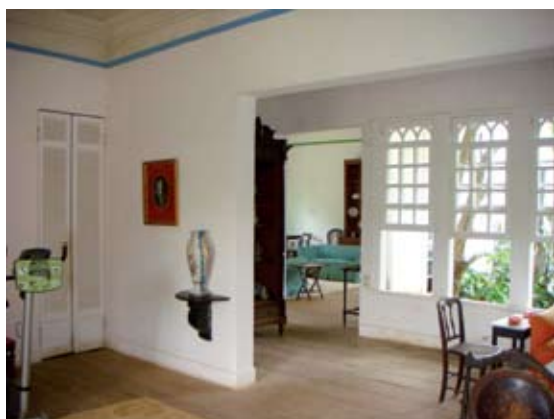
38



39



40



41



42



43

Outra sala de estar, contígua a esta pela esquerda, também tem acesso ao pátio central, e apresenta forro em madeira do tipo paulista, com rosácea central decorada e detalhes pintados em verde (f44 à f46). Desta segunda sala, passa-se a uma sala de jantar estreita e comprida, com piso nas mesmas lajes de pedra do antigo terreiro e forro em taquara trançada (f47). Desta, pela esquerda, chega-se a um conjunto de dois pequenos quartos e banheiro e, pela direita, a uma copa por onde se faz o acesso mais usual à edificação (f48). Da copa tem-se acesso a uma cozinha e, através de exígua circulação para onde voltam-se despensas e WC (f49), a uma sala de estar onde está locada a lareira, no prumo da que existe no porão (f50). Na sequência, uma sala de almoço ligada à cozinha através de passa-pratos, na qual o piso de lajes de pedra sobe até meia parede em alguns trechos (f51). Desta sala, tem-se acesso à uma suíte e, fechando o perímetro da edificação, à varanda alpendrada de fundos, que mantém a escada de madeira torneada que leva ao porão e apresenta vedação em parte por traves verticais em madeira, à moda das moradas paulistas, e também por correr de janelas em guilhotina (f52). Por fim, o pátio central/jardim de inverno, espaço que estrutura toda a casa-sede e para o qual voltam-se seus ambientes principais, notadamente os sociais (f53).



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53

A casa-sede, como um todo, apresenta estado regular de conservação. Entretanto, alguns pontos necessitam atenção para equação dos problemas que os afligem.

No porão, não há indícios de danos ou pontos com problemas. O pavimento nobre, entretanto, apresenta marcas de umidade ascendente nas paredes voltadas ao pátio central (f54), perda de rejunte em parte do tabuado deixando ver o porão, como na varanda alpendrada na lateral direita (f55), e perda parcial do piso na sala de almoço, devido a um desmoronamento externo (f56 e f57).

Há trincas na sala de estar frontal (f58) e perda de revestimento, deixando à mostra o pau a pique (f59). A parte mais prejudicada, entretanto, é a dos forros, com sinais evidentes de infiltração e umidade descendente, como naquele das duas salas de estar (f60 e f61), no da sala de jantar (f62) e no da sala de almoço (f63); bem como pontos de ataque por cupins, tanto internos (f64 e f65) como externos, no caso do beiral (f66).

Há perda de material de revestimento na fachada lateral direita, demonstrando flagrantemente a utilização de técnicas incompatíveis para seu remendo (f67). Na fachada frontal, o ataque de xilófagos deixou à mostra o cunhal em madeira do segundo pavimento (f68).



54



55



56



57



58



59



60



61



62



63



64



66



65

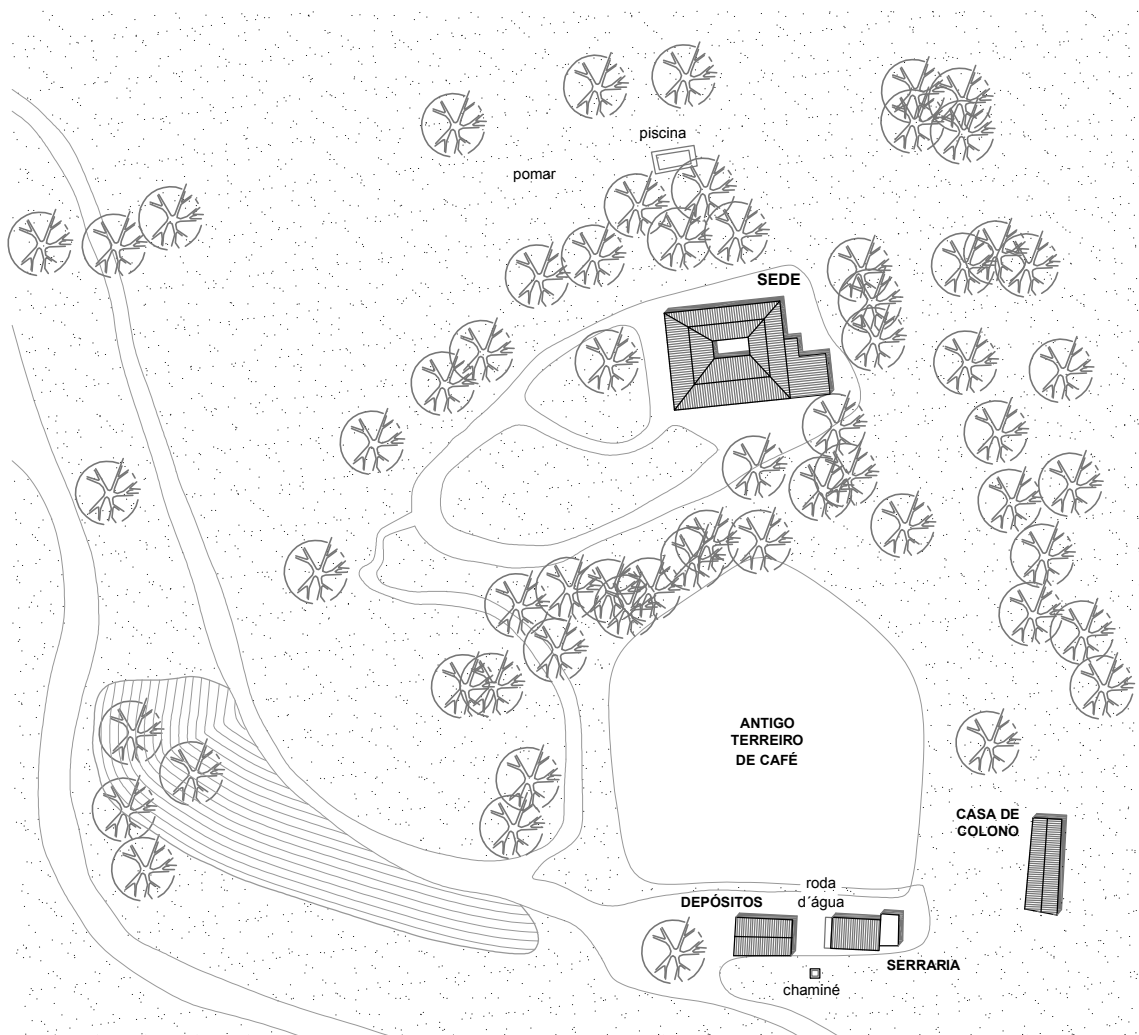


68



67

FAZENDA SANTO ANTÔNIO DA BOA ESPERANÇA

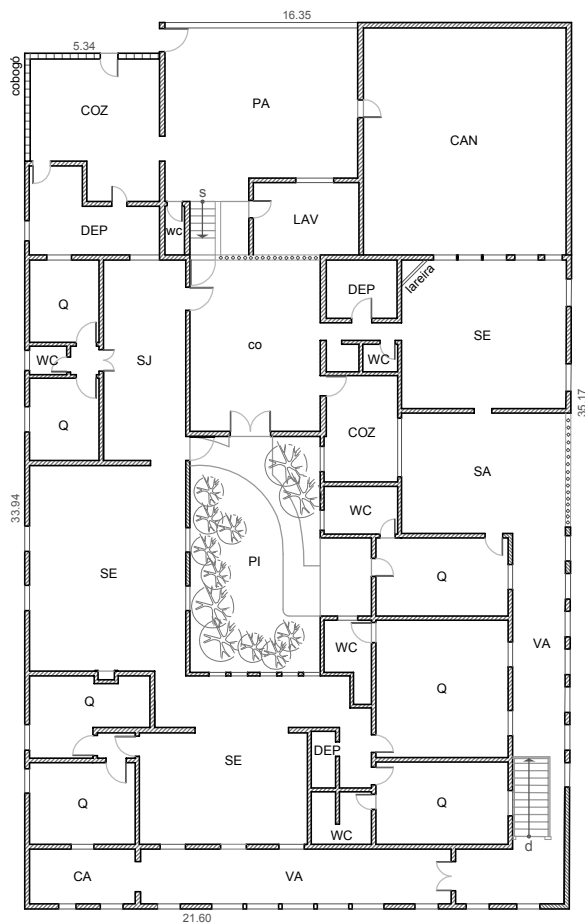


1 Implantação

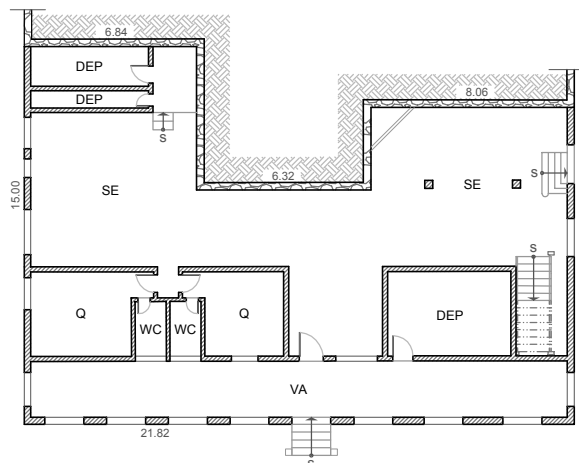
escala: 1/1750



FAZENDA SANTO ANTÔNIO DA BOA ESPERANÇA



2 Planta Baixa da Sede - 2º Pavimento
escala: 1/250



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/250



CA - capela	COZ - cozinha	LAV - lavanderia	Q - quarto	SJ - sala jantar
CAN - canil	DE - despensa	PA - pátio	SA - sala de almoço	VA - varanda
CO - copa	DEP - depósito	PI - pátio interno	SE - sala de estar	WC - banheiro

alvenaria existente
 alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F02 - Sap

2/2

equipe:
Alberto Taveira/ Amauri Lopes Junior

desenhista:
Amauri Lopes Junior

revisão:
Francyla Bousquet

data:
ago 2009

A Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança teve origem em terras desmembradas das sesmarias de Santo Antônio dos Pobres, de propriedade de João de Souza Furtado de Mendonça, e da Boa Esperança, de Bernardo Manoel Dias Cadaço. Sua formatação original correspondia a uma área de meia-légua em quadra, com testada para as margens do Rio Paraíba do Sul, conforme o próprio Furtado de Mendonça declarou no senso de terras de 1856¹.

Assim, a Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança teve como fundador José Joaquim de Souza Breves², que a utilizava como uma “fazenda de passagem”³, para vistoriar, a cada período de 2 meses, suas terras na região.

Sabe-se que as terras tiveram como proprietário, posteriormente, o comendador Marcondes, cafeicultor que levou a energia elétrica para Sapucaia⁴, passando as mesmas a seu filho, o deputado federal Francisco Marcondes Machado, avô de D. Chiquita Marcondes.

A história do ramo da família da atual proprietária, Nereide Marcondes⁵, na posse da propriedade, inicia-se com a matriarca, D. Chiquita Marcondes Bernardes⁶, sua avó, que a recebeu de herança de uma tia, também conhecida como Chiquitona, após conturbado processo⁷.

D. Chiquita Marcondes, como era mais conhecida, nasceu e criou-se na Fazenda Cortiço⁸, segundo se conta, a maior da região⁹, localizada em Aparecida, distrito de Sapucaia. Quando tomou posse da Fazenda Santo Antônio da Boa Esperança, Chiquita encontrou um curral fronteiro à fachada principal, onde hoje está o jardim gramado em meia-lua. No porão da casa-sede, havia três quartos para viajantes ou agregados, e ainda uma sala de castigo dos negros, além da “senzala de dentro”, para os escravos da casa, resquício dos tempos do café.

Após reformar a casa, dando-lhe a feição atual, D. Chiquita Marcondes manteve a criação de gado, hoje desativada pela atual proprietária, que assume em seu empreendimento de turismo e lazer – Balneário 3 Quedas – uma linha vegetariana e de respeito à natureza.

¹ Livro de Registro Paroquial de Terras. Propriedade de João de Souza Furtado de Mendonça. Registro feito em 26 de fevereiro de 1856, Livro 45, p.29. Registro nº 102. Freguesia de Nossa Senhora Aparecida. Magé. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

² Filho do capitão-mor José de Sousa Breves e de Dona Maria Pimenta de Almeida Breves, nascido em 1814 e falecido em 05/07/1879, na Fazenda Manga Larga, em São João Marcos. Foi casado com sua sobrinha, Rita de Moraes Breves, filha dos barões de Pirai, não deixando descendentes. Foi comendador da Imperial Ordem de Cristo e oficial da Imperial Ordem da Rosa, coronel da guarda do imperador D. Pedro II, além de fazendeiro e grande proprietário de terras e escravos – conta-se mais de 64 fazendas e 20 mil escravos. Foi dono da Fazenda do Pinheiro, atualmente Pinheiral, e inúmeras outras propriedades. Considerado, juntamente com seu irmão Joaquim José de Sousa Breves, um dos maiores cafeicultores do Brasil Imperial. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

³ Onde moravam administrador e empregados e na qual o proprietário fazia pouso, fiscalizando suas terras na região.

⁴ Na verdade, para a Fazenda Cortiço, segundo lugar no Brasil, depois de Campos dos Goytacazes (RJ), a ter esse privilégio.

⁵ Empresária proprietária do Balneário 3 Quedas, 10ª geração da família na fazenda.

⁶ Nascida em 1914 e falecida em 27/12/2007, D. Chiquita, de inteligência rara, teria sido embaixadora, porém abdicou do cargo após ter passado na primeira colocação de um concurso do Itamaraty, em virtude de seu casamento com o embaixador Carlos Alfredo Bernardes. A então embaixatriz seria a terceira paixão de João Guimarães Rosa – também embaixador, além de romancista, autor dos ícones *Sagarana* (1946) e *Grande sertão: veredas* (1956) –, nos dez últimos anos de sua vida. Guimarães Rosa tinha laços fortes de amizade com D. Chiquita, pois era padrinho de um de seus três filhos.

⁷ Francisca Perret de Carvalho (Chiquitona), filha de Augusto Lopes de Carvalho e Francisca Perret de Carvalho, foi internada pelo marido como louca no Sanatório Botafogo, para que este pudesse dispor de seus bens à revelia da família. Desaparecida durante algum tempo, foi finalmente localizada através de um bilhete levado por uma servente do sanatório à sua mãe, avó de Chiquita Marcondes, que depois a teria ajudado a se livrar desse casamento problemático. Em gratidão a este fato, a fazenda seria doada a Chiquita Marcondes.

⁸ Desaparecida vítima de um incêndio provocado por uma empregada, Bibiana, filha de escravos, desgostosa da venda da fazenda feita pela bisavó de D. Chiquita Marcondes, Julieta Marcondes

⁹ “Com 400 janelas”, como conta Nereide Marcondes. Era assim, no linguajar dos fazendeiros, que se media a opulência das propriedades.